

# Mais uma vez a democracia

**Conheça o humor do acadêmico Johann von der Nutte e suas idéias sobre essa coisa que chamamos de democracia**

**S**omos todos mais complicados do que admitimos. Somos muito mais divididos, internamente, do que ousamos confessar. Dentro de cada um de nós existem exigências contrastantes, que só em ocasiões excepcionais conseguem se fundir e se unificar numa mesma vontade forte, numa decisão inabalável, nítida.

Foi pensando nessa dura realidade que o psicólogo alemão Johann Nudelschweif von der Nutte realizou nos últimos dez anos na Universidade de Osnabrück minuciosas pesquisas, recorrendo aos préstimos de uma bem preparada equipe de jovens cientistas e se servindo de um excelente sistema de modernos computadores, com o objetivo de investigar as contradições estruturais do sujeito humano.

Recentemente (nos primeiros dias de novembro), o professor von der Nutte esteve no Rio de Janeiro, de passagem, a caminho da Argentina, e teve um encontro com um grupo de pesquisadores brasileiros, com os quais se manteve em contato por correspondência. E fez uma rápida apresentação das conclusões a que chegara, numa exposição bem humorada, informal, e - como ele disse - "imune à tentação do rigor acadêmico".

Uma feliz casualidade - sou amigo pessoal da professora Emergenciana de Azevedo Moura - me permitiu comparecer ao encontro com o cientista alemão. Fiquei impressionado com a extraordinária capacidade de se comunicar exibida pelo visitante. Como viveu no Brasil dos sete aos doze anos de idade, quando sua finada genitora trabalhou no bairro do Mangue (como enfermeira, se não me engano), Johann fala o nosso idioma com grande desenvoltura (embora, naturalmente, com sotaque).

Entre as muitas estorinhas que o professor von der Nutte nos contou, há uma que não posso deixar de reproduzir aqui para os leitores: ele nos disse que sua mãe, no interior dos bordéis que existiam no bairro naquele tempo, quando constatava que uma das prostitutas estava doente, avisava às pessoas de fora que não podiam entrar porque havia um ser doente na casa. E fazia comunicação em seu idioma, dizendo "ein Kranker" (em português: um doente). Os visitantes se afastavam sem entender direito, mas percebendo que havia uma complicação no bordel. Daí a palavra "encrenca", que passou a fazer parte do idioma português a partir da advertência da alemã: "ein Kranker". Se a informação não for filologicamente certa, pelo menos é bastante curiosa...

Não reproduzirei para os leitores as explicações científicas que o professor Johann Nudelschweif von der Nutte nos deu. Limite-me a contar o que ele nos falou a respeito do funcionamento da "cuca" de cada um, quando comparou a "cuca" (palavra que ele mesmo utilizou) a um complexo governo. Para justificar sua esdrúxula comparação, o professor nos assegurou, convictamente: "todo indivíduo faz política consigo mesmo".

Segundo o nosso visitante ilustre (que já foi até falado para o Prêmio Nobel), a "cuca" funciona em regime de "parlamentarismo débil". Ne-la existe um Presidente da República (que não manda nada e só exerce funções representativas) e um Primeiro-Ministro, que deveria exercer o poder efetivamente, porém depende de um Parlamento extremamente tumultuado e, para não ser destituído, está sempre disposto a fazer todas as concessões. O Legislativo está organizado num sistema bicameral: de um lado, fica o Senado ou "conselho dos anciões"; do outro, a Câmara dos Deputados. O Senador é o lugar para onde são encaminhados os projetos que precisam ser longamente ruminados e não têm pressa; é a instância onde o sujeito decide como deve se expressar. Os velhinhos gostam de esticar suas discussões. Até hoje não decidiram se devem se cognominar "conselho dos anciões", dos "anciões" ou dos "anciões".

A Câmara dos Deputados vive em regime de convulsão. O Partido da Ordem (ou Partido Conservador), que existe dentro de cada um de nós, tem a bancada majoritária seus representantes, entretanto, são frequentemente oportunistas e vacilantes. A esquerda e à direita estão constituídos partidos de oposição, que podem se tornar bastante aguerridos e agressivos em suas reivindicações.

A principal fonte do poder dos conservadores centristas é a hábil exploração do medo e da inércia. Eles sempre advertem para o risco das mudanças e propõem "deixar tudo como está para ver como é que fica". Eles compõem uma bancada que prefere agir por baixo do pano e gosta de por muita retórica em seus discursos. Os deputados do Partido da Ordem são eficientíssimos corretores de empresas públicas: alguns conseguiram nos Ministérios lugares bem remunerados para todos os familiares, todos os amigos e centenas de cabos eleitorais.

Quando se agrava uma crise da economia, a sociedade civil da "cuca" começa a gritar, o Partido da Ordem fica insuportavelmente vulnerável: ocorrem manifestações de rebeldia, ameaças de defecção, a unidade interna principia a rachar. Os deputados conservadores são pouco solidários e, supondo que um novo governo pode vir a ser instaurado, revelam inquéritos sinais de adesismo. Passam a se acusar uns aos outros, atribuindo-se epítetos deslealistas como "mercenário", "mafioso", "ladro", "vigarista", "contraventor", "estellonatório", "meliante", "pusilânime" e até mesmo "bundão".

A essa altura da exposição, o professor von der Nutte foi interrompido por uma pergunta. A professora Iolanda Gonçalves de Almeida, do Instituto de Psicologia Dialética (da Universidade de Teucigalpa), indagou do nosso visitante se sua descrição do funcionamento do governo da "cuca" não estava excessivamente calcada na observação do funcionamento do governo da nossa sociedade.

Impávido, o alemão respondeu que a analogia era, de fato, muito "frapante" (e logo se corrigiu: muito surpreendente). "As duas dinâmicas têm muitas coisas bastante parecidas", explicou. Advertiu, contudo, que também existiam diferenças extremamente significativas. E esclareceu: "à esquerda, por exemplo, na sociedade brasileira é de inspiração predominantemente socialista, ao passo que na cuca de cada indivíduo a posição que predomina no ímpeto esquerdista é a posição anarquista".

Na Câmara dos Deputados, em nossa "cuca", os socialistas e os comunistas, em geral, são pouco numerosos, falam muito e atuam pouco. Os anarquistas demonstram



**A principal fonte de poder dos conservadores centristas é a hábil exploração do medo e da inércia. Eles sempre advertem para o risco das mudanças e propõem "deixar tudo como está para ver como é que fica."**

maior vitalidade: se aglomeram numa bancada ruidosa, que apresenta diariamente projetos ousados (às vezes estapafúrdios), faz denúncias veementes, trava duelos verbais de grande repercussão com os conservadores, interpela os Ministros de Estado, insulta o Primeiro-Ministro em todas as sessões e ridiculariza o presidente da República.

Outra diferença importante entre o que se passa no Estado e o que acontece na vida política da "cuca" está no fato de que nesta última o Partido da Extrema Direita é assustadoramente eficiente. A his-

tória política do século vinte, após o resultado da Segunda Guerra Mundial, deixou as propostas programáticas explicitamente fascistas meio desmoralizadas. Na Câmara dos Deputados da nossa "cuca", no entanto, as "camisas negras" de Mussolini e as "cruzes suásticas" de Hitler continuam a ser exibidas com orgulho: são usadas descaradamente por uma bancada disciplinada, numerosa, persistente e combativa. Os deputados da extrema direita entram no plenário armados, são econômicos nas palavras porém ágeis no gatilho: todos os dias desfecham tiros im-

placáveis em seus colegas (e adversários) da esquerda. Neste momento, o professor Theo Zeferino Mattos, professor de Psicologia das Contradições no Departamento de Psicanálise Heterodoxa da Faculdade de Medicina, da Universidade de São Pedro da Aldeia, perguntou quais seriam os objetivos dessa extrema direita e porque opositor a considerava "assustadoramente eficiente". Johann explicou que a extrema direita sabia que não podia, sozinha, controlar o governo da "cuca", mas agia no sentido de provocar um golpe de Estado.

E como seria esse golpe de Estado? O professor Von der Nutte explicou, com voz pausada, que o golpe faz parte de uma certa "normalidade institucional" na vida política da "cuca". Quando o Partido da Ordem começa a correr o risco de perder o controle da situação, isto é, quando a esquerda dá a impressão de que pode tomar o poder, a extrema direita radicaliza sua ofensiva, desencadeando uma série de atentados terroristas, que incitam o sujeito a impulsos autopunitivos e autodestrutivos.

Nessas horas, o Primeiro Ministro procura o Ministro do Exército para expor a situação. O Ministro do Exército da "cuca" fecha o Parlamento, declara estado de sítio, manda tropas ocuparem todos os lugares a partir dos quais se exerce o poder, põe os meios de informação e comunicação de massa sob controle, suspende as imunidades parlamentares e manda prender os deputados de oposição mais atuantes.

Cria-se, então, uma situação na qual a ditadura instalada internamente predispõe a pessoa a aceitar uma ditadura que venha a se instalar na sociedade em que a pessoa vive. Portanto - afirmava o psicólogo, com uma veemência que seu sotaque germânico tornava, curiosamente, mais convincente - "a psicologia e a política se dão as mãos, porque existe uma ligação entre o fascismo interior e o fascismo exterior. E a luta pela democracia precisa ser travada nos dois planos tanto na alma como na sociedade, no controle do Estado, nas instituições".

Relatei minha experiência para alguns amigos, falei da forte impressão que me causou o visitante ilustre, e os que me ouviram fizeram, insistentemente, a pergunta por que a grande imprensa não noticiou a passagem pelo Rio do psicólogo alemão?

Tenho pensado sobre essa questão e creio que posso indicar duas razões para o silêncio dos "jornalões". A primeira razão para a falta de registro da visita está no fato de que Johann Nudelschweif von der Nutte é um personagem de ficção inventado por mim. (Essa razão, por si só, bastaria para explicar o fenômeno. Mesmo assim, insisto em apontar - paranoicamente - um segundo motivo).

Se o professor não fosse um personagem de ficção, os "jornalões" não teriam se interessado por ele porque o alemão estaria tratando de um assunto que leva os megapressões que dominam os grandes meios de comunicação a torcer o nariz. Nos altos níveis de concentração monopolística em que funciona a grande imprensa brasileira, o acentuado autoritarismo da empresa é uma espécie de mediador entre o autoritarismo geral da sociedade (especialmente do Estado) e o autoritarismo dos padrões de conduta que os indivíduos são concitados a adotar na relação de cada um consigo mesmo. Por isso, os valores que um grande jornal prefere costumam ser aqueles que convêm à hierarquização inflexível, à imposição das normas emanadas de "cima". Ao contrário do que sugerem as aparências, a "bagunça", no Brasil, é superficial, e é aproveitada pela ordem elitista substancial, nabalável. O Estado e os "jornalões" se unem, por cima das divergências, para pressionar os de "baixo" no sentido de fazê-los "enquadrarem-se", diminuindo-lhes a possibilidade de eles assumirem suas inquietudes e conviverem melhor com suas contradições internas.

Ímpetos democráticos "anarquizantes" são mal vistos pela face mais visível do Estado brasileiro (a polícia) e só são aceitos pelos donos dos grandes jornais quando podem ser neutralizados e tratados como fatos "pitorescos".